

Assim não dá

CORREIO BRAZILIENSE

Paulo Brossard

Poucas vezes a escolha de um ministro da Fazenda foi recebida com tanta simpatia e geral aprovação como a do senador Fernando Henrique Cardoso. Foi um alívio e um conforto verificar-se que, a uma voz, um homem público era aceito e reconhecido como homem de bem e como homem capaz. Em circunstâncias extremamente difíceis começou a atuar o novo ministro e elas não têm melhorado, antes continuam escabrosas, por motivos independentes dele.

Uma das suas primeiras declarações foi no sentido de que não haveria "dolarização" da economia. Não obstante a palavra clara, categórica e honrada do titular das finanças nacionais, dia após dia a imprensa veiculou que a "dolarização" estava sendo estudada ou era iminente; com isto, é claro, foi alimentado, dia após dia, um clima de incerteza, nocivo a qualquer plano econômico, a despeito de, dia após dia, o ministro desmentir a notícia e de reafirmar o que antes dissera e repetira. É de tirar a paciência de um santo. Mas isto não é coisa sem importância, pois a incerteza é ingrediente que pode ter efeitos subitâneos e devastadores. Um ministro de Estado, cuja palavra não é levada a sério, que

não é capaz de calar o coaxar das rãs, anônimas e repetitivas, poderá levar a bom termo a ingente tarefa que as circunstâncias lhe impuseram?

Depois da "dolarização" foi o "choque". Não faltou gazeteiro a afiançar, dia após dia, que o "choque" econômico estava sendo preparado e era iminente, e o ministro da Fazenda, dia após dia, a negar qualquer "choque". Mas a cada notícia, ou a cada boato feito notícia, dispararam as bolsas, o câmbio entra em espasmo, o ouro sobe, as bolsas despencam, os jurós dançam.

Essa cena se repetiu e se repete, dia após dia, como se a palavra do ministro nada valesse. Mas dessa maneira não há quem possa gerir a Fazenda, tenha as virtudes que tiver, possua o talento que possuir.

Alguém perguntou a um dos protagonistas da paz entre árabes e judeus, creio que a Shimron Perez, que eu conheci em Telavive, como líder da Oposição, como judeus e árabes, depois de 40 anos de lutas e ódios, tinham chegado à paz. Segundo o político israelense, o milagre tinha se operado graças à circunstância de as tratativas terem se desenvolvido sem que a imprensa soubesse que estavam se processando. Para que isto pudesse acontecer, as conversações se deram em cida-

des diferentes de países diferentes, de modo a não despertar sequer suspeita. O fato é interessante e ilustrativo. Ele coloca o magno problema da liberdade de informação e do direito à informação sob análise crítica, nestes tempos em que os progressos da comunicação alteraram tudo o que havia ao tempo em que foram fundidas, como garantias fundamentais, a liberdade da palavra, a liberdade de opinião, a liberdade de informação, a liberdade de imprensa, a liberdade da comunicação.

Tenho para mim que o ministro das Finanças tem dois inimigos precipuos — o tempo, ou melhor, a falta de tempo, pois o que ele precisa fazer demanda a colaboração desse elemento, cujo fluxo o homem não consegue deter, nem postergar; e o noticiário especulativo, avulso, renitente como pulga de tapera, sobre o que vai acontecer e que, mesmo não sucedendo, fica no ar, como possibilidade, suficiente, no entanto, para gerar a incerteza, e com ela a dúvida e com esta a desconfiança, quando a confiança é o maior pecúlio do homem de governo.

■ Paulo Brossard, ex-ministro da Justiça, é ministro vice-presidente do Supremo Tribunal Federal